

## Complementos Locativos: sua caracterização

Os complementos locativos podem ser utilizados para isolar uma classe verbal a que chamarei Verbos Locativos, sendo estes caracterizados pela existência de pelo menos um argumento que efectua uma deslocação no espaço. Este tipo de complementos locativos são formalmente constituídos por um grupo nominal preposicionado, e distinguem-se dos chamados complementos circunstanciais que a gramática tradicional considera facultativos e sem relação com o verbo da frase em que se inserem. Sabemos no entanto que a noção de facultativo é pouco pertinente para caracterizar os complementos circunstanciais, dado que alguns são na realidade obrigatórios como aqueles que acompanham por exemplo os verbos **morar** e **residir**, sendo impossível ter frases como,

- \* O Zé mora.
- \* O Zé reside.

Para um dado substantivo a interpretação de lugar parece depender essencialmente do verbo da frase em que ocorre aquele substantivo. Aparentemente e do ponto de vista do sentido, temos um complemento locativo quando o substantivo núcleo do complemento é interpretado como um lugar, como acontece geralmente com substantivos indicadores de lugar, como em,

O Zé vai a Espanha.

Mas se considerarmos o caso de substantivos não indicadores de lugar, então o verbo é determinante para a interpretação locativa; confronte-se:

O Zé viu o jardim  
e  
O Zé foi ao jardim.

Alguns gramáticos procurando precisar a noção semântica de lugar, tomaram a preposição como elemento formal sintacticamente definidor

daquela noção, dando existência às chamadas preposições locativas. No entanto, a presença da preposição é insuficiente para dar a um complemento o estatuto de complemento de lugar. Se as preposições **para** e **de** introduzem complementos locativos em,

Lançar uma pedra para o mar,  
e em,  
Retirar uma pedra do buraco,  
já em  
Comprar livros para a biblioteca.  
e  
Proteger as cadeiras da chuva.

as mesmas preposições não introduzem complementos de lugar. É um caso que diz respeito à homonímia preposicional.

Fillmore num artigo de 1975 propõe que aquilo que determina a selecção das preposições são diferenças existentes na estrutura subjacente dos grupos nominais que contêm a preposição.

Verificando que os complementos locativos não podem ser classificados pela preposição que os introduz, é então necessário recorrer a propriedades formais menos imediatas.

Já no latim foi observado que os complementos locativos respondem a perguntas específicas que os classificam semanticamente. No português a pergunta tradicionalmente associada à noção de lugar é **onde**, respondendo as diferentes interpretações locativas a perguntas formalmente diferentes, ou seja, o teste pergunta/ resposta deve ter não só a forma **onde** mas também **Prep. onde**.

Considerando as frases,

O Zé retirou a pedra do buraco.  
O Zé retirou a cadeira da chuva.

vemos que só à primeira frase é aplicável a pergunta **de onde**, pois que

\* De onde é que o Zé protegeu a cadeira.

é inaceitável. O teste **Prep. onde** ou **onde** apresenta no entanto certas limitações que dizem respeito ao facto de a coincidência entre este tipo de pergunta e a intuição de lugar não ser perfeita. O recurso à pergunta em **onde** não permite a distinção entre, por exemplo, o lugar para onde se entra

e o lugar onde se está, dado que se aplica a complementos introduzidos pela preposição **em** que aparece com verbos como **entrar** e **residir**:

O Zé entra em casa.

O Zé reside em Lisboa.

Deve observar-se que este critério não tem força de critério absoluto, constituindo apenas um indício sintáctico muito geral.

De entre os complementos locativos é necessário distinguir os complementos locativos de frase dos complementos locativos de verbo. Como sabemos esta questão é delicada e vários têm sido os autores que dela se ocuparam. Claire Blanche-Benveniste em trabalhos de 1981 e 1982 apresenta critérios que permitem a distinção daqueles dois tipos de complemento. Esta autora distingue elementos construídos pelo verbo ou elementos regidos e elementos não construídos pelo verbo ou associados.

Os complementos regidos apresentam as seguintes propriedades:

1. podem ser submetidos ao jogo das modalidades e dos contrastes como se pode ver considerando a frase **Costumo sair com o Zé**.

Temos:

Costumo sair com o Zé, mas não com o João.

Não costumo sair com o João, mas com o Zé.

2. Os complementos regidos podem ser realizados sob formas em **Qu** que marcam em geral a interrogação:

Costumo sair quando/com quem/onde

3. Podem também estes complementos serem marcados pela forma restritiva:

Não saio senão com o Zé.

Em contrapartida os complementos associados não podem ser submetidos ao jogo das modalidades e dos contrastes.

Tomando o caso do complemento **Quanto a mim** na frase

Quanto a mim o Zé é parvo.

que é um caso tipo de elemento associado, verificamos que são inaceitáveis as frases:

- \* Quanto a mim, mas não quanto a ela, o Zé é parvo.
- \* Não quanto a mim, mas quanto a ele, o Zé é parvo.

Contrariamente ao que é costume dizer-se os complementos regidos e associados não têm nada a ver, segundo Blanche-Benveniste, com a posição dos complementos nem com a sua mobilidade, pois verifica-se que a mobilidade não identifica os complementos associados; os complementos regidos gozam também desta propriedade como acontece com o complemento na gaveta do meio da frase:

Esta manhã guardei o isqueiro **na gaveta do meio**.

Esta manhã, **na gaveta do meio**, guardei o isqueiro.

**Na gaveta do meio**, esta manhã, guardei o isqueiro.

Outro autor, Happ, num artigo de 1977 propõe outro critério que permite distinguir o complemento de frase, recorrendo para isso à inserção de um verbo de carga semântica muito fraca, do tipo **fazer** ou **passar-se**. Na frase

O Zé come todo o dia.

é possível separar o complemento **todo o dia** pela inserção do verbo **fazer**:

O Zé come e fá-lo todo o dia.

o que indica que este complemento não é complemento do verbo **comer**.

Jean-Paul Boons num trabalho publicado em 1985 distingue complementos nucleares e complementos não nucleares. Considera essencialmente três critérios:

1. O complemento preposicionado é complemento locativo se responder às perguntas em **onde** e **Prep onde**.
2. Nos complementos locativos preposicionados a preposição varia em função do grupo nominal à sua direita.
3. Os complementos que indicam percurso ou lugar do percurso devem ser considerados complementos nucleares quando associados a verbos de deslocação.

Quanto à variabilidade da preposição observa ainda que essa variabilidade deve ser claramente determinada pela relação geométrica que associa o objecto da preposição, ou seja, o lugar, a uma coisa situada relativamente a esse lugar. Em certos casos a preposição é determinada pelo grupo nominal colocado à sua direita, decorrendo daí um jogo de possibilidades geométricas entre um ser qualquer e o lugar ocupado por esse ser. É o que acontece em frases do tipo:

Colocar a escada	na cave. contra o muro. junto da janela.
------------------	--

Quanto ao terceiro critério, que menciona o lugar do percurso, deve observar-se que os lugares de percurso estão claramente ligados ao semantismo do verbo. O verbo **nadar**, por exemplo, exige um lugar líquido. Assim sendo, e admitindo que um grupo nominal é nuclear quando é de certa maneira seleccionado pelo verbo, então os lugares de percurso, porque seleccionados por um verbo de deslocação, devem ser considerados complementos nucleares.

Peres no seu trabalho de 1984 distingue os argumentos nucleares dos argumentos complementares, apoiando-se em três critérios: o primeiro refere a impossibilidade de apagamento do argumento nuclear. Assim, retomando o exemplo de Peres:

O Zé, no domingo, atirou pedras aos vidros.

verifica-se que só o argumento complementar **no domingo** pode ser apagado. O segundo critério consiste na formulação de uma pergunta com os verbos **fazer** ou **acontecer**. Um argumento complementar como **no domingo** da frase acima mencionada pode ocorrer naturalmente na pergunta e pode estar ausente, com a mesma naturalidade, na resposta:

Que fez o Zé no domingo?

O Zé atirou pedras aos vidros.

O seu último critério diz respeito ao facto de os argumentos complementares terem como argumento uma oração. A partir do mesmo exemplo podemos assim construir:

O facto de o Zé atirar pedras aos vidros ocorreu no domingo.

Temos finalmente a análise de Z. Harris que foi utilizada num trabalho sobre construções transitivas locativas do português. Macedo, 1977, recorre à noção de verbo operador que, entre outras características, apresenta a de ser semanticamente vazio, modificando muito pouco o sentido da frase e a de não aumentar o número de argumentos da frase simples. Assim considerando que a frase

O carro subiu o passeio na Av. da Liberdade.

pode ser analisada como a relação de uma frase complexa em que intervém um verbo operador do tipo **ocorrer, passar-se**, cuja forma é:

O facto de Que F Vop Nloc

e que fornece a frase.

O facto de que o carro tenha subido o passeio (ocorreu + passou-se) na Av. da Liberdade.

O verbo operador selecciona um acontecimento para a posição sujeito. Neste caso, verificamos que o complemento **na Av. da Liberdade** é um complemento do verbo operador e que não tem nenhuma relação sintáctica com a frase que é o sujeito do verbo operador. Devemos então concluir que

Na Av. da Liberdade

é um complemento da subestrutura

O carro subiu o passeio

A interpretação aponta também para esta diferença: **o passeio** é o lugar para o qual o carro subiu, enquanto que **na Av. da Liberdade** é o lugar em que o carro subiu o passeio.

Nesta perspectiva será pouco correcto falar em complemento de frase, no entanto conservo a expressão já consagrada para indicar, porém, que a frase a que o complemento se liga é uma subestrutura.

A mesma operação pode ser aplicada ao complemento **o passeio**, obtendo-se agora a frase inaceitável:

O facto de que o carro tenha subido a Av. da Liberdade (ocorreu + passou-se) no passeio.

o que indica que se trata de um complemento de verbo, ou seja, **o passeio** é complemento do verbo **subir**.

Podemos de resto concluir que os dois complementos são complementos de verbos de níveis distintos: **na Avenida da Liberdade** é complemento do verbo operador **ocorrer**, e, **o passeio** é complemento do verbo **subir**.

## Bibliografia

- BACELAR DO NASCIMENTO, M.F. (1987) **Contribuição para um dicionário de verbos do português. Novas perspectivas metodológicas.** Dissertação em Linguística Portuguesa para acesso à categoria de Investigador Auxiliar. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, INIC, Lisboa.
- BLANCHE-BENVENISTE, Cl (1981) "La complémentation verbale: valence, rection et associés", **Recherches sur le Français Parlé**, 3, GARS, Université de Provence.
- BLANCHE-BENVENISTE, Cl. (1982) "Verbs Complements and Sentence Complements: two different types of relation", **Communication & Cognition**, Ghent, University of Ghent.
- BOONS, J-P (1985) "Préliminaires à la classification des verbes locatifs: les compléments de lieu, leurs critères, leurs valences aspectuelles", **Linguisticae Investigationes**, IX: 2; Amsterdam, John Benjamins.
- FILLMORE, C. (1975) "Quelques problèmes posés à la grammaire casuelle", **Languages**, nº 38, Didier-Larousse.
- HAPP, H. (1977) "Syntaxe Latine et théorie de la valence", **Les Études Classiques**, XLV, Namur.
- HARRIS, Z.S. (1976) **Notes du Cours de Syntaxe**, Paris, Editions du Seuil.
- MACEDO, M. Elisa (1987) **Construções Transitivas Locativas.** Dissertação em Linguística Portuguesa para acesso à categoria de Investigador Auxiliar. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, INIC, Lisboa.
- PERES, J.A. (1984) **Elementos para uma Gramática Nova**, Coimbra, Livraria Almedina.